

# ESTUDO DIACRÔNICO DA FORMAÇÃO E DA MUDANÇA SEMÂNTICA DOS SUFFIXOS *EIRO/EIRA* NA LÍNGUA PORTUGUESA

Mário Eduardo VIARO<sup>1</sup>

## 0. Introdução

Com o renascimento do Funcionalismo, na década de 90 e a reinclusão dos estudos históricos, preterido pelos estruturalistas depois da década de 50, novas perspectivas surgiram. Estudos de diacronia e de aquisição de linguagem são elementos integrantes na formulação de modelos semânticos atuais. Esta pesquisa também assume uma postura indutiva e empírica. Deixar-se-ão de lado alguns elementos dogmáticos vindos da tradição gramatical e do exercício das autoridades. Nossos pressupostos são:

- Pressuposto (1): Os fenômenos de língua não nasceram no momento atual.
- Pressuposto (2): Os fenômenos de língua não nasceram todos ao mesmo tempo, antes são fruto de uma tradição e, portanto, sua transmissão se dá como o de qualquer outro bem cultural.
- Pressuposto (3): Os fenômenos de língua sistematizam combinações de sons (moldes fônicos) e lidam com um grande conjunto de conceitos e visões culturais acerca dos fatos.
- Pressuposto (4): Os fenômenos de língua com alta frequência de uso transformam ou combinam seus moldes fônicos. No primeiro caso, nem sempre se percebe a mudança, já no segundo se entende como uma novidade (isso é, um fenômeno sem tradição).
- Pressuposto (5): Toda derivação foi, inicialmente, uma novidade e, como tal, não foi sentida imediatamente como um fenômeno de língua, mas uma modificação estilística de um fenômeno de língua.
- Pressuposto (6): A derivação supõe um elemento mais antigo (*antecedente*) e outro mais recente (*neologismo*). Enquanto a derivação é novidade (e, em algumas vezes, mesmo depois que não é mais), há certa consciência de derivação da parte do falante, por causa da *base*, que permite associações com o antecedente, acessível apenas por reconstrução.

---

<sup>1</sup> DLCV – FFLCH/USP – São Paulo/SP – Brasil - [maeviaro@usp.br](mailto:maeviaro@usp.br)

O presente texto insere-se no grupo de pesquisas Morfologia Histórica do Português, liderado pelo autor, cadastrado no CNPq.

- Pressuposto (7): Ao aumentar a frequência de uso de um neologismo, isto é, ao ser empregado em muitas situações discursivas, deixa de ser considerado novidade e passa para o *inventário comum* da língua. Fecha-se o ciclo quando o neologismo se transforma em fenômeno de língua como os outros.

Nesses pressupostos, é digno de nota observar que não se fazem ainda algumas distinções importantes para a Morfologia: (a) nada se falou sobre a tradicional separação entre *nome/ verbo*, que fundamenta a nomenclatura *denominal/ deverbal*; (b) também não é óbvio, pelos pressupostos acima arrolados, que haja regras dedutivas inequívocas, apresentadas com grande dose de dogmatismo, como a que reza que um derivado deverbal venha de uma flexão verbal específica (por exemplo: que *separação* venha do infinitivo *separar*); (c) não há menção de componentes morfológicos separados no cérebro dos falantes nem de uma capacidade inequívoca de reconhecer a derivação na sua língua materna; (d) não se pressupõe uma estrutura profunda que preveja transformações; (e) tampouco se entende que haja morfemas chamados sufixos que sejam signos e, portanto, necessariamente, que tenham significantes e significados claros para sua segmentação; (f) nada se falou de distinção *a priori* entre morfemas lexicais e gramaticais.

O abandono de princípios não-intuitivos (que necessitam de testes) da lista de pressupostos facilitou o entendimento dos resultados e a solução de problemas que se apresentaram ao longo da pesquisa. O próprio termo *sufixo* é problemático, pois não há um *comportamento* comum para todos os componentes desse conjunto, pelo contrário, o comportamento particular de cada “sufixo” é sensivelmente distinto de um caso para outro: num deles, por exemplo, não há grandes problemas com a separação denominal/deverbal, em outro, a distinção é problemática ou quase impossível.

## **1. Segmentação e consciência do falante**

### **1.1. Pressupostos teóricos correntes**

A análise não é algo natural como se pode pensar à primeira vista. Um falante, na idade de três anos, já entende que a língua contém unidades mínimas e faz uso delas. A composição lhe passa a ser natural. E o fato de pelo menos ao cinco anos já estar totalmente apto a criar pela composição, faz crer que já está consciente de que tem regras introjetadas dentro de si: as chamadas RFP (regras de formação de palavras), obtidas por meio das RAE (regras de análise

estrutural), obviamente estabelecidas antes<sup>2</sup>. No entanto, o problema é bem mais complexo, quando entendemos a sistematicidade da língua não como um aglomerado irregular de palavras criadas ao mesmo tempo, o que fere o pressuposto (2) explicitado acima. Mesmo não ignorando o dado histórico, é comum desconsiderá-lo por motivos pragmáticos, mas ao rejeitá-lo, muitas vezes se comporta como se não assumisse o fato de que as palavras de uma língua não foram formadas todas ao mesmo tempo, mas fruto de lentas transformações e de uma sucessão de sincronias.<sup>3</sup>

A exceção em morfologia sempre foi um aspecto incômodo e muitas vezes resolvido com elegância, como no esquema de Halle, que constitui um filtro posterior à aplicação das RFP (VILLALVA, 2000, p.19). Esse filtro evitaria, assim, a produção de palavras inexistentes e, ao mesmo tempo, funcionar como bloqueio, quando há sufixos concorrentes. Aparentemente, segundo esse modelo, os falantes estão construindo seu léxico todo momento que falam, o que pode não ser totalmente falso, mas cria problemas intransponíveis quando os interfixos são mencionados<sup>4</sup>.

Na verdade todo problema se pauta em dois pressupostos que não adotamos. O primeiro diz que *toda palavra é segmentável* e o segundo que *o falante nativo tem consciência da língua que fala, sendo portanto juiz nas decisões de agramaticalidade*. O primeiro elemento nasceu do estruturalismo, o segundo, do gerativismo. Ambos, porém, são anti-intuitivos e se revelam problemáticos. Mesmo em casos mais simples, que não envolvam interfixos, os morfemas opacos do tipo *cranberry* de Bloomfield ou alomorfes discutíveis, a competência julgadora do falante se revela bastante duvidosa. Diante de uma palavra como *tesoureiro*, muitos falantes, graduados ou graduandos em Letras, alguns com doutorado, foram, em testes informais, perguntados de onde viria a palavra e alguns diziam de *tesoura*, outros diziam *tesouro* e se revelavam surpresos e outros não sabiam<sup>5</sup>. É preciso que o falante tenha uma

---

<sup>2</sup> Dessa forma sintetizadora, o gerativismo de Aronoff, na década de 70, aceitou tacitamente o estruturalismo, uma vez que se entende que palavras têm estruturas, que essas estruturas são apreendidas pelas RAE que, por sua vez, separariam elementos menores, recompostos pelas RFP (ROCHA, 1998, p.39-43).

<sup>3</sup> Em Morfologia, a faceta idiosincrática de uma língua flexional como o português deixa essa deficiência exposta o tempo todo. Dessa forma, o elemento histórico, inegável, não pode, de forma alguma, ser desconsiderado numa análise de elementos morfológicos, sob a paga de sucumbirmos o tempo todo ao velho esquema das regras e exceções das gramáticas tradicionais.

<sup>4</sup> Os interfixos são elementos que sobram numa segmentação, assim em *comilão*, *beberrão*, *sabichão* não se entende exatamente o que vem a ser *-il-*, *-err-*, *-ich-*, o mesmo ocorre com o *-avi-* de *canavial* ou o *-eg-* de *pedregulho*. A solução *ad hoc* dos alomorfes parece desmedida e muito idiosincrática, afinal, qual é o alomorfe? *comil-* ou *-ilão*? Por outro lado, se são segmentados, formam morfemas, portanto, signos com significante mas sem significado, o que parece uma aberração (MALKIEL 1970).

<sup>5</sup> Longe de tentar encontrar nesse fato uma ignorância lamentável, ressuscitando o ranço dos diacronistas mais ferrenhos, esse pequeno teste, abaixo detalhado, mostra que o falante nem sempre sabe de onde vem uma palavra derivada.

atenção cartesiana, o que não combina com as premissas básicas do sincronismo, que justamente exclui as etapas anteriores porque o falante não tem consciência delas. Na verdade, a consciência do falante é um fato muito distinto do que postula o gerativismo. O falante sabe sim que algumas palavras vêm de outras. Sabe que *Zé* é a abreviação de *José*, sabe que *PT* quer dizer *Partido dos Trabalhadores*, sabe que *gay* é uma palavra de origem inglesa, sabe que *coiso* é uma palavra chistosa por oposição a *coisa*, da mesma forma que reconhece em *intermaracutaiamento* um neologismo. Aparentemente é o mesmo sentimento de que há uma palavra ideal e outra modificada. A modificada, por sua vez, precisa de palavras de alta frequência de uso, para ser compreensível. Nem todo mundo sabe que *Zu* é o apelido de minha amiga *Zulmira*, que *SMF* é a sigla de *Sua Majestade Fidelíssima*, que *cris* é um punhal malaio e portanto *encrisamento* seria um neologismo totalmente obscuro (VIARO, 2005a, 2005b). Se a língua que interessa aos sincronistas é a língua que usamos, em detrimento das formas obsoletas, nem as de conhecimento demasiadamente particular, nem as palavras que só existem em dicionário deveriam pertencer ao sistema. O sistema seria uma espécie de média baseada na frequência de uso dos falantes. Ora, ninguém parece trabalhar com esses conceitos.

Como dito acima, um dos mais divulgados entende *o falante nativo e sua respectiva competência como um árbitro fiel de decisões como a gramaticalidade*. Essa posição de juiz, antes apenas intuitiva no Estruturalismo, acabou sendo legitimada, no Gerativismo, e, posteriormente, na Fonologia e na Morfologia, embora os semanticistas, sempre divididos em inúmeras correntes, vissem isso com tácito ceticismo. Como decorrência do papel de julgador do falante nativo, nasceu a convicção, fundamentada em parâmetros epistemológicos, que cedo se tornou um segundo pressuposto: *o de que a língua que interessava ao lingüista era a mesma que interessava ao falante, ou seja, sua etapa sincrônica atual*, pois o falante nativo *grosso modo* desconhece as etapas anteriores da língua que culminaram nas formas atuais<sup>6</sup>.

Mesmo alguém que, hoje em dia, preconize ainda a primazia do elemento sincrônico, não poderia negar que, ao obter, por meio de comutação, um lexema {*sapat*} e um morfema {*eir*}, a partir de *sapateiro*, chamar isso de *derivação* não deixa de ser paradoxal. Pois *derivar* pressupunha, na visão tradicional de onde vem o termo, que uma palavra provinha da outra ou

---

<sup>6</sup> Dessa forma, surgiu uma estéril discussão entre uma nova geração que preconizava uma primazia dos estudos sincrônicos de uma língua (como sistema) e uma outra, considerada ultrapassada, associada quer à Gramática Tradicional quer à Filologia ou aos Estudos Clássicos, que não abria mão de seus conhecimentos de latim e da visão diacrônica da língua (vista como instituição). Felizmente a assim chamada guerra entre sincronistas e diacronistas foi superada pelos estudos funcionalistas atuais. Hoje há maturidade suficiente para entender que a língua é sistema e instituição (RIO-TORTO, 1998, 2004).

que vinha *antes* da outra: *sapato* surgiu primeiro e daí veio *sapateiro*. Mesmo quem postula a falta de necessidade diacrônica pensa assim hoje. A diacronia está, portanto, implícita na derivação, pois as duas palavras não surgiram ao mesmo tempo. Essa sutil distinção esbarra, muitas vezes, na questão da competência do falante nativo, que poderíamos chamar de “intuição”. Essa intuição, por sua vez, é formada de regras e de explicações *ad hoc* que jamais poderiam ser idênticas às de uma explicação científica. Essas regras têm conformação dogmática, pois diante de *separar e separação*, é comum dizer que a segunda palavra vem da segunda. Forma-se, assim, uma RFP (regra de formação de palavras) do tipo  $x]_{ar} \rightarrow x]_{açã}$ , que é totalmente intuitiva e, contudo, válida para grande número de palavras. No entanto, um lingüista sabe que o infinitivo é apenas uma das formas de flexão verbal, a usada nos dicionários de português (que poderiam ter usado outra, como a primeira pessoa do presente do infinitivo nos de latim ou grego ou a terceira pessoa do pretérito, nos de árabe). A “primitividade” do infinitivo é, portanto, algo cultural, extralingüístico, aprendido nas instituições e divulgado oralmente e pela escrita. Em si nada há para afirmar que a forma simples seja a do infinitivo. Um bom exemplo disso é apontado historicamente: com base nessa intuição, ninguém discordaria que *colar*  $\rightarrow$  *colação*, mas do ponto de vista histórico, *colação* é muito mais antigo, pois vem do latim *collatio*, derivado de *collatus*, particípio de *conferre*. O verbo *colar*, criado analogicamente, surgiu depois. Dessa forma, a RFP é exatamente o inverso da postulada acima. A afirmação reacionária a esse dado, que declara valer apenas a intuição e não o dado histórico é argumento de cunho emocional e jamais científico, embora não inútil<sup>7</sup>. Mas ao longo de pesquisas históricas, o número de exceções aumenta, de modo que é incômodo pensar em soluções *ad hoc*: parece-nos natural que *coagir*  $\rightarrow$  *coaço*, pois *reagir*  $\rightarrow$  *reaço*, mas apenas a segunda derivação está correta do ponto de vista diacrônico e não a primeira: o latim já tinha a forma *coactio*, da qual se gerou *coaço*, mas o verbo *coagir* veio posteriormente, invalidando a regra da primitividade do infinitivo. O

---

<sup>7</sup> Se se permite um paralelo, seria o mesmo que um biólogo declarar que as focas, os tubarões, as tainhas, os manatis e as baleias têm aspecto parecido e é o que basta para classificá-los todos como peixes. Se hoje são considerados respectivamente pinípedes, condrícteos, osteícteos, sirênios e cetáceos, classificações totalmente diferentes, isso não se deve a seu aspecto externo, pois entendem que a forma é apenas uma epifania: ela surgiu, pela evolução, pressionada pelo meio que é comum a todos: o ambiente aquático. Se na biologia aceitamos que as baleias são evolutivamente mamíferos e não peixes, a ponto de taxar de ignorante quem pense o contrário e, em lingüística, há relutância para enxergar paralelos que envolvam fatos de idêntica dimensão histórica, só existe uma razão: os dados lingüísticos pertencem a uma dimensão emocional, sobretudo a língua materna, a lembramos Bakhtin (1988, p.100): “[...] a palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira. Ela não apresenta nenhum mistério. Só pode apresentar algum, na boca de um estrangeiro.” Falar algo dela que não tenha correspondência imediata é quase profaná-la. Dessa forma, a língua como um todo se tabuíza. Também o corpo humano, tão íntimo a nós

mesmo se pode dizer de prefixos: intuitivamente, *cobrar* → *recobrar*, pois uma forma prefixada dogmaticamente surge a partir de uma não-prefixada, mas historicamente *recobrar* é mais antigo, pois vem de *recuperare*, a forma sem prefixo é posterior. Elencar um ou dois casos e generalizar é próprio da natureza comunicativa humana, não de um estudo científico que vise à descrição dos fatos. Talvez as regras fundamentadas no “erro” intuitivo dos três exemplos acima (para não citar inúmeros outros das derivações regressivas e impróprias) não sejam úteis para estudos de descrição, mas o seja para a Pragmática e outros estudos de comunicação<sup>8</sup>.

## 1.2. Pressupostos teóricos adotados

O capítulo da Morfologia referente à formação de palavras tem raízes profundas na historiografia, pois desde a gramática de Dionísio, o Trácio, no séc. II a. C, houve preocupação em classificar e subclassificar classes morfológicas. Entre os nomes, uma separação das mais tradicionais foi a que distinguia palavras simples das derivadas. De forma quase intuitiva aprendemos que *sapato* é uma palavra simples e *sapateiro*, derivada, assim como nos parece relativamente clara a distinção entre os substantivos abstratos e concretos<sup>9</sup>.

Excluídos o estudo histórico, qualquer teste que invoque a consciência ou a competência do falante nativo se pauta única e exclusivamente numa intuição, isto é, na usualidade das palavras. Abandonado o idealismo da norma culta preconizado pela Gramática Tradicional, o indivíduo observador (entenda-se, portanto, o lingüista, como representante de todos os falantes de uma língua, cultos ou incultos), por meio de sua introspecção e de seu julgamento, toma decisões sobre a gramaticalidade<sup>10</sup>.

A partir de 120 palavras formadas com o sufixo *-eiro*, coletadas num *corpus* de

---

quanto nossas próprias palavras, era objeto de tabuização e, por isso, a Medicina se desenvolveu muito mais lentamente do que os estudos da Biologia. Não estamos sós, portanto.

<sup>8</sup> Também a semelhança da forma dos animais citados na nota anterior não é levada em conta pelo taxonomista, mas o é para ecólogos, etólogos, fisiologistas.

<sup>9</sup> Com a necessidade de fundamentar um objeto de estudo claro que diferenciasse do da Psicologia, da História, da Sociologia, Antropologia, da Filosofia ou mesmo da Gramática Tradicional, a Lingüística do Pós-Guerra acabou firmando-se cada vez mais em determinados pressupostos que não conseguiu manter de maneira radical.

<sup>10</sup> É comum, no entanto, que pessoas cultas, flagradas usando formas que crêem não utilizar, insistam que não as utilizam, quando não ficam ofendidas por isso. Isso é comuníssimo quando brasileiros não realizam vogais pós-tônicas como [u] ou [i], pois crêem que só os portugueses apaguem vogais e admitam, no máximo, que “pessoas incultas” o façam numa “fala rápida”. A norma culta (e o modelo reacionário e ideal da escrita) retorna, portanto, instaurando um fenomenal paradoxo, em todos seus aspectos. Numa sociedade ocidental, em que contam a tradição platônica, aristotélica e o monoteísmo, isso não é de se espantar, mas o subjetivismo surpreende a vontade do objetivismo.

textos<sup>11</sup>, num teste informal, um informante de nível superior, doutor em Letras, afirmou não conseguir entender ou detectar a base em 38 casos (31,7%). Em alguns casos, a derivação assume posições interessantes: afirmou que *gelo* → *geladeira*. De fato, a memória depende da frequência usual e, para o informante, *gelo* é mais associável, por estar mais rapidamente presente na memória, do que *gelar*, verbo defendido, por exemplo, por um lingüista que postularia a derivação deverbal a partir do particípio *gelado* para esses casos em *-eiro*<sup>12</sup>. O informante encontrou, ainda, situações, que apresentava como palavras simples outras palavras derivadas ou ainda palavras que necessitariam muitas mudanças fonéticas para justificar a derivação<sup>13</sup>. Isso mostra que a palavra-base que vem para a consciência do falante nativo é a mais proeminente na memória, definida, entre outras coisas, com base em sua *usualidade*.

É sabido que as palavras estão inseridas num discurso, que, por sua vez, tem, como dito, uma dimensão histórica e outra sociolingüística. O termo “frequência”, que define a usualidade, está associado, porém, à dimensão sociolingüística, é normalmente usado numa indesejável polissemia: (a) subjetivamente, uma palavra é “frequente” quando é conhecida ou supostamente conhecida por muitos ou todos os falantes de uma determinada língua. Em vez de “frequência”, essa característica subjetivamente detectada seria mais bem denominada como *usualidade*<sup>14</sup>; (b) objetivamente, uma palavra é “frequente” se, baseando-nos em *corpora*, constatarmos que aparece muitas vezes. Essa frequência absoluta é normalmente artificial e variável, mas tem a vantagem de não ser impressionista. Continuemos a chamá-la de *freqüência*; (c) também objetivamente, um *corpus* que separasse seus textos por meio de

---

<sup>11</sup> Essas 120 palavras em *-eiro* foram retiradas de um *corpus* elaborada pelo prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto, da USP, que gentilmente cedeu cópia de uma lista por ele preparada, em que constavam as 14002 palavras mais frequentes (com número igual ou maior a 100 ocorrências) extraídas a partir de um imenso *corpus* de textos, dos mais diversos, por ele coletados e digitados (o número total de ocorrência dessas palavras somadas remonta a 15.958.907).

<sup>12</sup> Outras situações que causaram dúvida no informante foram as seguintes derivações: *engenho* → *engenheiro*, *cruz* → *cruzeiro*, *enfermo* → *enfermeiro*, *carta* → *carteira*, *barro* → *barreira*, *solto* → *solteiro*, *cocho* → *cocheiro*, *travessa* → *travesseiro*, *tesoura* → *tesoureiro*, *carne* → *carneiro*, *caldo* → *caldeira*, *trincar* → *trincheira*. De fato, outros informantes com certeza não teriam dúvidas em alguns (como *enfermo* → *enfermeiro*), ou não veriam casos de derivação em outros (como em *cruzeiro*), ou proporiam outras palavras simples em outros (talvez *coche* → *cocheiro*, *tesouro* → *tesoureiro*). Subjetivismos semelhantes se instauram em propostas teóricas, em que testes semelhantes são aplicados a si mesmo.

<sup>13</sup> *companhia* → *companheiro*, *três* → *terceiro*, *mar* → *marinheiro*, *carpir* → *carpinteiro*, *brigar* → *brigadeiro*, *correr* → *carreira*, *cheirar* → *cheiro*, *rio* → *ribeiro*, *beirada* → *beira*, *cavalheirismo* → *cavalheiro*, *herança* → *herdeiro*, *palmito* → *palmeira*, *par* → *parceiro*, *ribeirão* → *ribeira*, *frei* → *freira*.

<sup>14</sup> Isso se baseia preponderantemente na experiência individual: eu posso achar que *verdolengo* seja uma palavra conhecida por qualquer pessoa, mas pequenos testes comprovariam se estou certo ou errado. Como é impossível rastrear os atos de fala, palavras efetivamente conhecidas por todos se impõem para a formação da *koiné* no caso de fragmentação dialetal (como ocorre atualmente com o alemão suíço), neutralizando traços “excessivamente marcados”, mas não é muito diferente nos casos de menor fragmentação dialetal, como no Português Brasileiro, apenas muito mais sutil.

uma tipologia (hoje os critérios são ainda muito distintos), constataria que algumas palavras ocorrem em todos os tipos de texto numa dada língua (os artigos e as preposições, por exemplo), enquanto outras apareceriam frequentemente em muitos tipos, outras já estariam restritas a um determinado tipo de texto ou ainda outras seriam raras, aparecendo em alguns ou em todos os textos. Esse trânsito intertextual de algumas palavras poderia permitir que as denominássemos de “freqüentes”, mas estamos diante de um outro comportamento, mais interessante, embora ainda indisponível, para as afirmações da Linguística. Preferimos chamar essa característica de *pantextualidade*<sup>15</sup>.

## 2. Diacronia e formação de palavras

### 2.1. Como reconhecer um sufixo?

Sabemos que o português dispõe de um sufixo *-eiro/-eira*, que possui, inclusive uma boa produtividade. Seria, portanto, imprescindível o conhecimento diacrônico, para segmentar esse sufixo? Responderemos isso de uma forma prática. Num determinado *corpus*<sup>16</sup>, há 372 ocorrências de nomes que continham a seqüência *-eir-*, que se distribuíam em 77 formas flexionadas, das quais 65 vocábulos eram seguidos de vogal temática (outros eram seguidos pelos sufixos *-inh-*, *-al* ou de *-mente*). Desses, extraíram-se 44 verbetes. Ainda não devemos falar de “sufixo”, mas de “seqüência”. Se excluímos as palavras que não se justificam nem sincronica- nem diacronicamente (*cadeira, feira, inteiro, madeira*), a lista abaixo para 40 vocábulos e 332 ocorrências. Alguém que desconsiderasse totalmente a diacronia, rejeitaria ainda outras palavras. Assim, a partir dessa nova nova lista, algumas palavras com seqüência *-eir-* só seriam consideradas portadoras do sufixo *-eir-* por meio de uma análise diacrônica<sup>17</sup>. É importante indicar aqui que, somadas, essas palavras totalizam 148 ocorrências (44,58%). Outras palavras, segmentáveis sincronicamente, também necessitariam de alguma explicação

---

<sup>15</sup> Igualmente etiquetas dadas a algumas palavras, problema comum dos lexicógrafos, que precisam chamá-las de *familiares, populares, chulas, regionais, poéticas, arcaicas* entre outros rótulos, estão associadas ao problema da tipologia textual, uma vez que se percebe, pela intuição sobre sua freqüência usual, que essas palavras não têm freqüência pantextual. O problema da freqüência só será resolvido quando se houver uniformidade na questão tipológica dos textos. Sem dados seguros e objetivos sobre a freqüência das palavras, dificilmente se poderá criar regras seguras para a derivação, antes se prosseguirá com o uso de regras tradicionais como a da primitividade do infinitivo já aventada.

<sup>16</sup> Ater-nos-emos, nas considerações deste capítulo, a um *corpus* compartilhado do projeto da Norma Linguística Urbana Culta composto dos inquéritos em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), a saber, D2 REC 05, D2 SSA 98, D2 RJ 355, D2 SP 360, D2 POA 291, DID REC 131, DID SSA 231, DID RJ 328, DID SP 234, DID POA 45, EF REC 337, EF SSA 49, EF RJ 379, EF SP 405, EF POA 278.

diacrônica, apesar de suas bases serem mais reconhecíveis por ainda estarem, de alguma forma, presentes na língua atual. Esses casos, que podemos chamar de *parafraseáveis* a partir de sua base, são dignos de comentários: em *banheiro*, é possível reconhecer uma forma *banho+eiro*, apesar de isso ser uma inverdade diacrônica. A palavra foi formada já em latim: *balnearium*. Em *barreira*, é também possível reconhecer uma derivação *barra+eira*, mas a presença dessa palavra em francês *barrière* sugere que essa forma tenha sido formada no latim vulgar sob uma forma *\*barrariam*. O mesmo se pode pensar de *carreira*, que não é derivado em português de *carro+eira*, mas vem de um latim vulgar *\*carraria*. Somente com grande abstração o falante pensaria em “carreira” no sentido locativo “local onde passam carros (de boi)”, mas as 26 ocorrências apontam para o sentido de “carreira profissional”<sup>18</sup>. Em *carteira* (2 ocorrências, no sentido de “móvel”), apesar de *carta+eira* (“carta” no sentido de uma folha de papel) ser uma possível inferência, o sufixo é suspeito porque essa remota associação não se faz de maneira imediata para o falante.

Há os casos em que o radical está opaco, mas há semelhanças com palavras cognatas. De qualquer forma, apesar de suas bases opacas, ninguém negaria que há sufixo *-eiro* em *padeiro* e *marceneiro* (ausentes no *corpus*), por causa de associações com outras derivadas, como *padaria* e *marcenaria*. No *corpus*, depreendem-se, neste caso, *estrangeiro*, que lembra *estranho*, ou *estaleiro*, que é associável com *estalagem*, *terceiro* lembra ainda que vagamente *três*, *terço*, *treze*, *trezentos*. Diacronicamente trata-se de dois empréstimos, provindos da língua francesa: *étranger* e o antigo *astelier*. Nesses casos, irregularidades fônicas podem ser toleradas no momento da decisão de estarmos diante de um sufixo ou não. Assim, *companheiro* parece vir de *companhia+eiro*, mas há uma irregularidade fônica, pois, a julgar assim, deveria ser *\*companhieiro*. Diacronicamente, a palavra vem de *companha* e não de *companhia*, que não vem à mente do falante, por ser palavra desusada. O mesmo se pode falar de *corriqueiro*, associado com *correr*, mas com uma irregularidade fônica difícil de explicar até mesmo do ponto de vista diacrônico.

Bases desusadas ou em desuso podem interferir no total de ocorrências de um sufixo: *frigideira* vem de *frigir*, verbo em desuso, exceto em algumas expressões (*no frigir dos ovos*). Se o dado etimológico não é usado como critério, pode haver variação no cômputo de seqüências *-eir-* como sufixos, se se baseia exclusivamente na memória ou no bom-senso do

---

<sup>17</sup> A saber, *denarium* > *dinheiro*, *januarium* > *janeiro*, *riparium* > *Ribeiro*, *\*manuariam* > *maneira*, *primarium* > *primeiro*, *\*leviarium* > francês *léger* > *ligeiro*.

<sup>18</sup> que é a sétima acepção no dicionário Houaiss, embora seja a única realmente ativa, a ponto de essa palavra, via francês *carrière*, ter entrado no inglês *career*, no alemão *Karriere* e mesmo no japonês *kyaria*.

falante/lingüista. Se, nesse *corpus*, se procuram os agentivos, que dizer de *brigadeiro*, que viria de *brigada* (na verdade, outro empréstimo do francês) para sua única ocorrência, que tem a acepção específica do doce? Sem a diacronia, os dados dependem da atenção ou da memória do falante<sup>19</sup>. Nas duas ocorrências de *Palmeiras* (o time), como imaginar que o falante possa, em seu ato de fala, lembrar-se da planta, que por sua vez, é um derivado de *palma*? Em última instância, se língua é uso, não poderíamos sequer afirmar que *canteiro* é derivado de *canto*. Descartes, no seu Discurso do Método, já dizia que o bom-senso é o dom mais bem distribuído do mundo pois todos se acham suficientemente satisfeitos com o que têm. Parece, contudo, que, nesse caso específico de discernimento, *a visibilidade de um sufixo é proporcional à frequência de uso e à diversidade dos usos derivacionais e/ou flexivos que se fazem a partir de sua base*, de tal modo que até bases opacas têm sufixos visíveis, como vimos acima. Dito de outra forma, *a visibilidade da base, em sua segmentação, não é portanto, condição necessária para se reconhecer uma seqüência fônica como sufixo, desde que ela ocorra em outras flexões e/ou outras palavras derivadas e, mais importante, algumas dessas flexões/ derivações sejam muito freqüentes*. Parece que assim se resolveu tacitamente, ao longo de anos de estruturalismo, o problema bloomfieldiano dos morfemas *cranberry*.

Se, contudo, excluímos os casos de raízes mais ou menos opacas, a lista de palavras plenamente parafraseáveis diminui drasticamente para 21 vocábulos (50% da lista inicial que tomava por base como palavras portadoras do mesmo sufixo por critérios diacrônicos) ou 90 ocorrências (27,1%)<sup>20</sup>. Nessas não há dúvida que há derivação, mas impressiona que  $\frac{3}{4}$  das ocorrências sejam de palavras em que essa consciência derivacional não está muito clara para um falante, que dispõe obviamente apenas do sistema de sua língua em sincronia. A ocorrência de cada vocábulo é bastante reduzida, de modo que não é possível concluir nada a partir de números absolutos. É impressionante, no entanto, a frequência de uso de palavras com derivação pouco clara, o que nos faz pensar na sua relativa antigüidade na língua. Como são irregulares, mantêm-se por causa de sua dispersão nos mais diversos tipos de discurso

---

<sup>19</sup> a palavra *engenheiro* pode ser interpretado como pelo falante, julgando sua própria língua, como palavra sem sufixo ou como derivada de *engenho* (outra vez há aqui um empréstimo do francês) e o falante pode entender essa base ou como “talento” ou como “estabelecimento industrial em zona canavieira” (o que seria errôneo pela datação da palavra original francesa, que remonta ao séc. XIV). Outro exemplo de inconstância de postura se pode ver em *cruzeiro* (23 ocorrências no *corpus*), com a acepção de “unidade monetária”: somente com um pouco de atenção se associaria essa palavra com o *Cruzeiro do Sul* e, daí, com *crúz*. Associações falsas do ponto de vista histórico podem ainda ser feitas: *solteiro* se associa facilmente com *solto*, quando o étimo aponta para o latim *solitarium*.

<sup>20</sup> São elas: *arrumadeira, besteira, brasileiro, brincadeira, canteiro, fazendeiro, fileira, financeiro, fogueira, grosseiro, jardineira, lancheira, mamadeira, merendeira, mineiro, ordeiro, pinheiro, tesoureiro, tinteiro, usineiro, verdadeiro*.

bem como pela sua frequência, que é motivada por fatores extralingüísticos, como os valores sociais. Por outro lado, as formas mais recentes (e no extremo, os neologismos) têm estrutura mais transparente, porém frequência reduzida, a não ser por alguma distorção motivada por ser tópico em discursos específicos.

## **2.2. A definição de um sufixo pela sua etimologia**

Parece razoável, pelo acima exposto, não excluir o elemento diacrônico. Assim, o mais natural seria não só entender que *-eiro* é continuação do sufixo *-arius* latino, mas também que esse sufixo se define por meio dessa etimologia. Ou seja, um *-eiro* cuja base não seja reconhecível no português, só será um *-eiro* de fato se provier do latim *-arius*. O fato de a base ser reconhecível se pauta em acidentes históricos: ou a palavra foi derivada muito recentemente ou o antecedente e seu neologismo conseguiram garantir uma alta usualidade. A aceitação dessa hipótese e o conseqüente amadurecimento dessa idéia esclarece inúmeros casuísmos da morfologia e é a espinha dorsal de toda argumentação deste trabalho.

De uma certa forma, a reabilitação do elemento histórico também resolve o problema do estabelecimento da palavra-base. É inegável que haja derivação, no entanto, o estudo estritamente sincrônico desse capítulo gramatical se revela, no mínimo, um contra-senso. Se uma palavra *x* deriva uma palavra *y*, é evidente que *x* surgiu antes de *y* e, portanto, há um intervalo de tempo entre *x* e *y*. As palavras *pedra* e *pedreiro* não surgiram ao mesmo tempo, portanto, uma segmentação de morfemas, pura e simplesmente, não dá conta do problema da multiplicidade de significados dos sufixos, nem da presença dos interfixos. Falar de derivação de palavras, sob esse ângulo é falar de diacronia, da mesma forma que não faz sentido falar de hibridismo sob uma ótica estritamente sincrônica. Normalmente, atribui-se a um componente morfológico um conjunto de formações idiossincráticas, que não participam das regras lexicais (VILLALVA, 2000). Esse conjunto de exceções é, na verdade, uma lista de palavras formadas em outras etapas lingüísticas e, saussureanamente pensando, em outros sistemas: no latim, no latim medieval, no português pré-grafado, no português antigo, no português renascentista etc. para não falarmos de formações não-portuguesas (muitas vezes criadas no francês ou no inglês e aportuguesadas). É interessante observar que um sufixo como *-arius* dispunha de certo significado, produtividade e mudança categorial no latim e foi herdada, ao lado das inovações, no sufixo *-eiro*. Do ponto de vista diacrônico, não só se pode afirmar que

-eiro vem de *-arius*, mas que *-arius* e *-eiro* são a mesma coisa<sup>21</sup>. A divisão rígida dos sistemas conduzem a uma dificuldade de interpretação dos dados lingüísticas. Dizer que uma palavra como *anticoncepcional* se tenha formado em português a partir de elementos decomponíveis como *anti-*, *concep-*, *-ion-* e *-al* é mascarar o fato de que essa palavra foi formada em outra língua: o dicionário Houaiss data sua grafia em 1949. O francês *anticonceptionnel* é datado, no Petit Robert, de 1905 (REY-DEBOVE; REY, 1993)<sup>22</sup>. Essas palavras deveriam ser estudadas separadamente, cada uma em seu sistema ou são a mesma palavra?<sup>23</sup>

Assim, para nós, o sufixo *-eiro* está presente não só em *sapateiro*, mas também em *primeiro*: nem a opacidade do radical, nem a multiplicidade semântica do sufixo devem afastar o fato de que o sufixo *-arius*, produtivo no momento da formação de *primarius*, se tenha tornado *-eiro* e, trazendo consigo *primeiro*, formado no latim, tenha servido de base para formação de outras palavras, como *sapateiro*. Por outro lado, *cadeira*, *madeira*, *feira* ou *freira* não estão vinculados ao sufixo *-arius*. Sincronicamente, contudo, reforçam o molde *-eiro* e não é de todo excluída a sua participação no sistema. Assim, *macaxeira* não tem nada a ver com *-arius*, mas por uma coincidência, a palavra tupi tem semelhança com palavras derivadas que indicam “nomes de planta”, como *roseira*, *palmeira*, *mangueira* etc., tanto que graficamente um *-i-* etimológico (raramente pronunciado) foi acrescentado à escrita. A não-consciência etimológica do falante é um fato, mas é estranho ignorar a etimologia nas teorias lingüísticas, como se suas conseqüências fossem completamente desimportantes para o estado atual do sistema (VIARO, 2004b)<sup>24</sup>.

### 3. O significado dos sufixos

---

<sup>21</sup> Do mesmo modo que *casa* é, em grande parte, a mesma coisa que o latim *casa*, a despeito da generalização semântica (“cabana” → “qualquer residência”) e da alteração fonética (o *-s-* intervocálico se teria sonorizado).

<sup>22</sup> É claro que é possível que uma palavra tivesse surgido primeiro no português falado, migrado para o francês e o francês a tivesse registrado antes, mas isso é incomum em formações cultas como essa. Não seria, ademais, coincidência o surgimento de palavras semelhantes em sistemas diferentes como italiano *anticoncezionale*, catalão *anticoncepcional*, alemão *antikonzeptionell* (ao lado do castelhano *anticonceptivo* e do inglês *contraceptive*).

<sup>23</sup> Retirado o imenso número de palavras formadas pela via erudita desde o surgimento do português (igreja, escola, universidade, especialidades profissionais e tecnológicas, meios de comunicação atuais), sobraria um número bastante reduzido de palavras e talvez por alguma auto-afirmação nacionalista (nascida na época pós-Bonaparte e transmitida sem questionamento nas entrelinhas epistemológicas até os dias de hoje), as fronteiras lingüísticas dos sistemas tenham sido tão fortemente defendidas tanto pelos puristas quanto pelas teorias lingüísticas.

<sup>24</sup> O mesmo desinteresse pela etimologia se vê em outras facetas da língua, como, por exemplo, na influência da escrita sobre a fala: abstrair a existência da escrita numa língua não-ágrafa nos conduz a sérios impasses na explicação das palavras formadas por acrosemia (como *petista*, *uspiano* e outros), sem falar que é a única explicação para a pronúncia de determinados sons, como o *-b* na palavra *sob*, restaurado pela escrita etimológica a partir da antiga forma *so*, ou ainda a diferença de pronúncia, na fala, do *-x-* em *tóxico*. Normalmente a solução do “recorte do objeto” tem sido a mais usada para justificar a escolha de temas poucos espinhosos.

### 3.1. Significado ou função?

Um dos pressupostos mais aceitos do Estruturalismo é a distinção entre o significado lexical e o gramatical: representar idéias seria uma coisa muito distinta de estabelecer relações entre palavras. Dizendo de outra forma, o significado *stricto sensu* seria algo presente nos morfemas lexicais, já os morfemas gramaticais disporiam de uma função. No entanto, significado e função não são coisas distintas do ponto de vista da essência de nenhum modelo de signo: se o signo for uma junção de significante e significado ou se for uma tripartição significante/ significado/ referência, falta definir exatamente o que vem a ser essa particularidade que alguns signos têm de serem funcionais<sup>25</sup>.

Sufixos, por outro lado, não são formas livres, nem são puramente relacionais como o são algumas preposições ou conjunções.

Não raro, contudo, os sufixos são considerados como destituídos de significado, uma vez que há uma certa irregularidade na formação das palavras. De *sapato* deriva-se *sapateiro*, assim como de *sal* sai *saleiro*. Aparentemente nada haveria de comum entre uma coisa e outra e apenas a partir do radical *sapat-* ou *sal-* teríamos uma derivação obscura de atos ou fatos vagamente relacionados. Entretanto, não é incomum o radical encontrar-se opaco. Apesar de *carpinteiro* e *marceneiro* terem radicais pouco claros, ninguém negaria que se trata de profissões. Há, por meio dos mesmos elementos, palavras como *carpintaria* e *marcenaria*, mas que significa *carpint-* e *marcen-*? Também o sufixo de *chiqueiro* tem a mesma função do de *galinheiro*, sem que fique claro ao falante o que quer dizer o radical *chic-*. A partir desse raciocínio podemos também inferir que é o sufixo que carrega a maior quantidade de significado e isso parece ser confirmado fonologicamente pelo acento tônico. De fato, *pedreiro* tem a raiz de *pedr-*, mas um pedreiro não trabalha apenas com pedras, assim como uma *leiteira* pode servir para ferver água e não leite. O momento da criação do vocábulo, normalmente perdido, envolve também fatores sociolingüísticos de natureza variada. Uma vez criada a palavra, a atuação de metáforas é inevitável. A palavra *barbeiro* significando “profissão” reside na junção do radical da palavra-base *barba* e o mesmo *-eiro* indicador de profissão, no entanto já não se pode falar que *-eiro* signifique “inseto” quando *barbeiro* é o transmissor da doença de Chagas, tampouco significa “que (faz algo) mal”, quando *barbeiro* é o mau condutor de veículos. Há portanto que se diferenciar o *significado da palavra-base* (muitas vezes apagado com o tempo), o *significado do sufixo* (que, quando perde a

produtividade, também pode se tornar apagado) e o *significado da palavra derivada* (que é, muitas vezes, imprevisível)<sup>26</sup>.

### 3.2. Semântica e história

Chamamos a atenção para que o método intuitivo da competência do falante nativo é por demais impreciso para auxiliar em problemas básicos como o da segmentação e separação dos falsos prefixos de seqüências fônicas homófonas. Estudos que envolvam diacronia e a tipologia textual, sobre a qual se possa falar de uma freqüência pantextual, são, por conseguinte, imprescindíveis, sem os quais se poderá cair em uma infinidade de soluções *ad hoc*. Um bom exemplo disso ocorre com a palavra *chuveiro*, datada do séc. XV, como “forte pancada de chuva” (portanto com valor intensificador, a partir de *chuva*). Como esse sentido é obsoleto hoje em dia, prevalecendo uma acepção secundária, formada a partir de uma metáfora sobre o significado total da palavra desde o séc. XIX (talvez decalque do *shower* inglês), pode-se pensar que *-eiro* signifique vagamente algo como “objeto” e colocá-lo ao lado de *saleiro*, *assadeira* etc. No entanto não há paráfrase possível com sua base *chuv(a)*, como ocorre com esses objetos (“objeto em que se guarda X” ou “objeto em que se X”) e mesmo que se idealize alguma (algo como “objeto que se parece com X”), não será produtiva. Esse é um dilema que surge quando a base não é opaca, mas a derivação sufixal se mostra um tanto estranha (comportamento que já valeu aos sufixos rótulos como “sem significado” ou “assistemáticos”). Não é preciso insistir mais sobre quão indesejáveis são essas soluções *ad hoc* que tentam excluir dados diacrônicos, rejeitando significados que não são freqüentes segundo a usualidade. Segundo nossos pressupostos, *chuveiro* seria classificada como uma palavra portadora de um *-eiro* intensificador (como em *nevoeiro*), remontando, assim, ao período de sua formação, mesmo que o *significado total, atual e usual da palavra* não seja esse<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> A separação entre *mots vides* e *mots pleins* já aparece em **Tesnière** (1959, p.53) e é um dos pontos fortes do Funcionalismo moderno, sobre o qual se define conceitos principais como o da gramaticalização.

<sup>26</sup> Real problema com o significado são os interfixos, estranhos signos com significante mas sem significado. Entre os interfixos integram-se vogais e consoantes de ligação bem como sílabas ou seqüências de sons, pertencentes a sílabas distintas. De *chá* nasce *chaleira*, de *café*, *cafeteira*. Há, portanto, duas soluções para se evitar a segmentação de signos sem significado: ou temos alomorfes do radical (*chal-*, *cafet-*) ou do sufixo (*-leir-*, *-teir-*). É possível que encontremos aí suporte para uma teoria de uma base múltipla, em que a analogia atue de maneira preponderante.

<sup>27</sup> Cumpre lembrar que nenhuma ciência se pauta na intuição pura e simplesmente e assim nasceu a nova Astronomia. A não agirmos assim, num novo paralelo com a taxonomia biológica, estaríamos afirmando que algo como “um urso-panda não é um carnívoro porque não come carne”. Intuitivamente, de posse da informação que esse animal só coma bambu, diríamos que está correto e que ele é um herbívoro. Para o zoólogo, todavia,

#### 4. Mudança semântica

Pelo exemplo de *chuveiro*, fica fácil entender que as palavras mudam de sentido e o que interessa, para flagrar o sentido do sufixo não é o significado total da palavra, nem o mais conhecido na sua etapa atual, mas o significado que o sufixo tinha no momento em que um antecedente serviu de base para produzir o neologismo. Como explicitado no pressuposto (6), é necessário algum tipo de reconstrução nesse procedimento, mas os *corpora* ajudam na maioria das vezes. Mas o que mais nos interessa nesta pesquisa é a mudança do significado do sufixo. Como *-eiro* pôde significar “árvore que produz X” ou “profissão”? Isso já deu ensejo a entender o sufixo como um amontoado caótico de significados, como algo ilógico e, por conseguinte, sem significado. Um amontoado caótico de significados, pode, sob um outro ângulo, ser visto como um conjunto de diversas tradições de significados, constelações lexicais geradas por algum protótipo irreconstruível. Esses significados são, por sua vez, derivados de outros mais primitivos, assim como na polissemia, algumas acepções da palavra remontam a um núcleo primitivo comum. Dessa maneira, é possível imaginar uma *árvore genealógica de significados*. Mas, de forma alguma, esse conjunto é ilógico. Antes seria melhor dizer que não lhe cabe o termo “lógica”: é, na verdade, alógico, ou seja, a lógica, no sentido estrito da palavra, lhe é indiferente. Não é possível, portanto, criar um elemento único ou um par por meio de uma intersecção de sentidos ou um arquissemema comum<sup>28</sup>. Não há grandes conceitos abstratos donde nascem todos os casos reais: pelo amor da coerência de

---

não há uma ordem especial na classe dos mamíferos para os animais herbívoros: isso é uma questão etológica e não taxonômica. O nome “carnívoro” é um rótulo antigo, atribuível a determinados animais; não é intuitivo, mas convencional, com uma definição muito rigorosa, pautada na reprodução, na denteição do animal, numa ancestralidade comum e não na observação direta ou na intuição com base no “uso coloquial” do termo etc. Por outro lado, o fato de os pandas não comerem carne se deveu a acidentes de percurso evolutivo. Se o rótulo parece “mal empregado” para um falante qualquer, isso se deve talvez ao desconhecimento da existência do panda ao se cunhar o termo. Mas é interessante observar que o termo não foi remendado por causa dessa descoberta. Os biólogos se valem do *princípio da antigüidade terminológica*, que os livra do encargo da onisciência e os poupa de inúmeros dissabores terminológicos presenciados na Linguística. Para eles, um rótulo é um significante qualquer com uma definição rigorosa e não precisa ter relação direta com a referência: equívocos interpretativos iniciais não são suficientemente fortes para refazerem-se os rótulos. Nós, linguístas, embora conscientíssimos da arbitrariedade do signo, contudo, às vezes nos esquecemos disso e inflacionamos esterilmente nossas terminologias que precisam, “por fetichismo”, ter relação com a realidade (OGDEN & RICHARDS, 1976) ou trabalhamos com classes muito vagas não definidas suficientemente.

<sup>28</sup> Não é possível ou é completamente inútil, como preconiza Wierzbicka (1996), postular-lhe um grande significado que abarque todos os demais. Assim, é comum dizer que entre o *-eiro* de *laranjeira* e o *-eiro* de *galinheiro* haja o mesmo significado (“locativo”), mas se há uma consistência lógica e operacional nesse procedimento, há um grande absurdo histórico e a língua é uma instituição e não um jogo. O *-eiro* de *laranjeira* não significa “lugar onde há laranja”, mas “árvore que produz laranja” e o *-eiro* de *galinheiro* não é apenas “lugar onde há galinhas”, mas o lugar onde se *guardam* as galinhas. Negar isso é negar a humanidade do criador da palavra e toda a pragmática que tornou o neologismo um elemento da língua.

nossa argumentação, o modelo que se impõe nesta pesquisa deve ser indutivo, e não dedutivo. Deve ser empírico e não trabalhar com idéias platônicas. Em suma, é nosso objetivo *descrever* por meio dos indícios semânticos e históricos e não *interpretar* a partir de abstrações primitivas.

Chamaremos cada significado facilmente caracterizável de um sufixo como um *núcleo semântico*, que deve ser parafraseável. Uma genealogia desses núcleos semânticos explica a relação que têm entre si, eliminando, pela diacronia, o aparente caos sincrônico. Há palavras que não integram totalmente esses núcleos, nem estão totalmente desgarrados deles, mas se comportam como que orbitando à sua volta.

## **5. Concorrência de sufixos**

### **5.1. Sinonímia e concorrência**

Quando dois signos dispõem de grande intersecção significado e significantes idênticos, dizemos que estamos diante de diferentes acepções. Quando os significantes são parcialmente parecidos, dizemos que estamos diante de variantes. Quando, porém, são totalmente diferentes, trata-se de sinônimos. No caso dos sufixos, os termos utilizados para os três casos são, normalmente, núcleos semânticos, alomorfes e concorrentes. Desse modo, esses fenômenos normalmente não são associados nos modelos, mas formalmente fazem parte de um *continuum* que tem a ver pura e simplesmente com a questão do significante. O significado será sempre parcial, pois, caso contrário, teríamos a mesma palavra ou sufixo empregados na mesma acepção, em outras palavras, duas ocorrências da mesma palavra ou sufixo.

Do ponto de vista do sistema, *concorrentes* são dois sufixos com a mesma função. Isso ocorre, portanto, com os núcleos semânticos de um dado sufixo e não com o sufixo em sua integralidade. Assim, há palavras terminadas em *-eiro* que designam árvores frutíferas. Nessa acepção, o sufixo *-eiro* praticamente não tem concorrentes produtivos. Seus únicos concorrentes são morfemas lexicais ou construções sintáticas: pode-se falar *laranjeira* ou *pé de laranja*. Já o sufixo *-eiro* designando profissões tem outros concorrentes igualmente fortes, por serem produtivos: *-ista* e *-or*. Do mesmo modo que não existem sinônimos perfeitos entre palavras, não há, vendo o conjunto como um todo, sinônimos perfeitos de sufixos, de sorte que formas como *pianista* e *pianeiro* significam coisas distintas. Por fim o –

*eiro* para gentílico é um fraco concorrente para outros sufixos mais produtivos como *-ano* e *-ense*.

## 5.2. Concorrência e diacronia

Da mesma forma que nada do que foi dito aqui foi entendido como restrito à língua atual, usual e escrita, também a concorrência varia diacronicamente. Levando-se em conta um *corpus* de 91.426 palavras datadas no dicionário Houaiss. Trabalhar com datações, contudo, traz consigo algumas restrições importantes que só podem ser corrigidas a médio prazo<sup>29</sup>. Contudo, trabalhar mecanicamente aponta não exatamente para a produtividade do sufixo século a século, mas para a *potencialidade de seqüências virtualmente sufixadas* (cuja grande maioria é de fato sufixo).

No caso do sufixo *-eiro*, é nosso objetivo revelar o quanto distam da real produtividade, embora isso, para se aproximar o máximo da realidade, exigiria uma espécie de reconstrução de como era a produtividade em sincronias pretéritas, impossível a não ser por meio de *corpora*, que têm outras tantas restrições, sobejamente conhecidas<sup>30</sup>.

Enfim, a experiência demonstra que o trabalho com *corpora* é ingrato e demorado, além de pouco representativo. Mesmo em conjuntos colossais de textos, como os da internet, acessíveis atualmente por buscadores como *www.google.com.br*, os resultados não representam a realidade. Por “realidade” entenda-se aqui uma possibilidade de onisciência de todos os atos discursivos (atuais e pretéritos), num esquema imaginário mais ou menos como esboçado por Bloomfield (1958, 1ª ed. 1935).

---

<sup>29</sup> Seriam essas restrições: (a) as datações em português são preliminares: algo muito distinto do que ocorre com o francês ou com o inglês, línguas já bastante estudadas, cuja datação já é bastante precisa. Algumas correções estão sendo implementadas pelos integrantes do grupo e algumas dessas correções serão apresentadas nesta pesquisa; (b) o dicionário Houaiss não disponibiliza datações para muitas palavras criadas no século XX, bem como para composições, que se apresentam sem datação: isso não é propriamente uma falha, pois as datações precisas são principalmente trabalho de pesquisadores isolados: Antônio Geraldo Cunha, Antônio Houaiss e Mauro Villar. Com relação a palavras anteriores ao séc. XII, contaram muito as pesquisas do português José Pedro Machado; (c) o dicionário Houaiss não é um dicionário de arcaísmos: não há suficientes palavras medievais ou renascentistas, o que pode mascarar um pouco a real potencialidade de um sufixo; (d) mais grave é, no entanto, admitir que – embora seja mínimo e pouco significativo – há ocorrências de falsos sufixos, por ex. *-eiros* que não provêm de *-arius*. Essas palavras com falsos sufixos, no entanto, não são de todo inúteis para compreender a produtividade sufixal, uma vez que reforçam o molde fônico e adquirem sentido.

<sup>30</sup> Seriam essas restrições: (a) os *corpora* revelam apenas a língua escrita, o que é parcial, mas não errôneo, nem inútil. A língua falada se perde, a não ser que se levem em conta *corpora* de língua falada espontâneos, só possíveis de um século para cá; (b) os *corpora* são textos que têm orientações temáticas, sendo possível que determinadas palavras apareçam com muita freqüência em alguns e muito raramente em outros, sendo que isso

## 6. Prolificidade e produtividade

### 6.1. Distinções teóricas

Sob o rótulo “produtividade” surgem, na verdade, duas situações: (a) um elemento é dito produtivo *quando é possível obter muitas palavras por meio dele*. Nesse caso chamaremos o sufixo de *prolífico*. Assim sendo, *-eba* não é um sufixo muito prolífico (*decoreba, natureba, mistureba...*) ao passo de *-ção* é bastante prolífico. A prolificidade é, portanto, o resultado da produtividade. Não se confunde com a potencialidade acima apresentada, pois uma palavra criada num século pode perdurar noutro coexistindo com as mais recentes, mas para dizer que um sufixo é prolífico, o que importa é o número resultante de derivações; (b) um elemento também é dito produtivo *quando dele se obtém grande número de neologismos*, ao passo que não o é se sua produção já estagnou. Nesse caso, manteremos o rótulo *produtivo*. Assim, *anti-* é um prefixo bastante produtivo ainda hoje, ao passo que *cis-* é praticamente um sufixo desusado, exceto talvez no âmbito da Química. A neologia é o grande ponto de avaliação da produtividade de um elemento. Tampouco nesse sentido, confunde-se com o sentido de potencialidade pois, nesse caso, sua produção é relativa a toda a produção de uma época.

Em suma, um sufixo é prolífico se, considerado separadamente, tem, em números absolutos, um grande número de derivados em comparação com outros sufixos. É produtivo se está vivo e ainda é capaz de gerar outros derivados que permanecerão ou não, dependendo dos acidentes históricos. É potente se, num determinado século, em dados percentuais, forma um grande número de palavras derivadas em relação a todo conjunto de criações daquela época. A prolificidade depende da exaustão de dados de que dispomos em dicionários e *corpora*. A produtividade na língua atual também e em sincronias pretéritas é atingível somente por reconstrução, a partir da prolificidade. A potencialidade também é parcial, por ser dependente do maior número de datações que se dispuser. Um sufixo prolífico não é, necessariamente, produtivo (pode ter deixado de formar neologismos após criar muitas palavras) e um não-prolífico pode trazer uma força produtiva subestimada se nos pautamos somente nos dicionários. A língua atual, vista em sua abstrata sincronicidade, possui tendências que não são fáceis de enxergar, o que nos faz legitimar a especulação de como ela seja, baseados em nossos poderes de juiz e na nossa experiência, isto é, nos nossos

---

nada teria a ver com a frequência de uso na fala; (c) os *corpora* de textos antigos escondem a questão da variação sociolingüística; (d) os *corpora* têm uma relação distinta com a neologia.

conhecimentos restritos aos meios por onde circulamos<sup>31</sup>.

## 6.2. Prolificidade e frequência de –eiro/-eira

O Dicionário Houaiss, por exemplo, é um *corpus* de tamanho bastante extenso, com seus 193.234 verbetes (contando homônimos). Pesquisas em buscadores da Internet como o do site *www.google.com.br*, são também fontes bastante exaustivas para tira-teimas, mas de uma coisa não se deve esquecer: eles não são a *langue* saussuriana, não são, enfim, o sistema lingüístico almejado nas descrições.

Qual a prolificidade de –eiro e de suas flexões (-eira, -eiros, -eiras)? No Houaiss temos, sem homônimos, 4482 palavras (excluindo o próprio sufixo e sete alomorfes) terminadas nessa seqüência virtualmente sufixadas; com homônimos, o número aumenta para 4673. No caso das seqüências virtualmente sufixadas em –eiro, apresenta-se o seguinte resultado (possível apenas sobre 2289 palavras com datação). Para aprimorar esse conjunto de dados, é necessário fazerem-se algumas exclusões<sup>32</sup>.

Com todas essas exclusões chega-se ao número de 3718 ocorrências (79,6%), que forma uma base de seqüências virtualmente sufixadas sem elementos desnecessários. É grande o número de palavras que fogem à nossa experiência, que jamais empregamos ou vimos escritas. Obviamente não nos interessa, nesse primeiro momento os casos das seqüências virtualmente sufixadas, mas as seqüências realmente sufixadas, ou seja, as palavras derivadas com sufixo –eiro. Baseando-se no critério apresentado na seção 2.2, eliminam-se os casos óbvios de coincidência, por causa de alguma *terminação sufixiforme*, que são apenas 28 (0,75%). O número de seqüências para análise baixa para 3690. Além dessas, em 48 palavras (1,3%) não é possível determinar nenhuma etimologia confiável. Se

---

<sup>31</sup> A língua, porém, não é isso, assim como os animais para um Biólogo não são apenas os que ele, como indivíduo, conhece ou conheceu a partir de sua experiência. Esse cientista, que é ao mesmo tempo observador e juiz, mais uma vez, é um comportamento herdado da Gramática Tradicional. Uma vez que as ciências nascem ou da observação dos dados ou por meio de soluções apriorísticas plenamente aplicáveis, vemos que os estudos de formação de palavras costumeiramente não se encaixam nem na primeira postura científica, indutiva (pois não sabe depreender os fatos sem se pautar em regras eivadas de exceções), nem na segunda, dedutiva (pois o conhecimento dos fatos é dogmaticamente restrito ao conhecimento do observador).

<sup>32</sup> A saber: (a) o próprio verbe para o sufixo e os seus alomorfes, a saber: *-eira, -zeiro, -leiro, -deiro, -neira, -oeira, -ueiro*; (b) justaposições, como *atum-verdadeiro, bicho-barbeiro*, ou seja, que têm elementos repetidos no *corpus*. Esse critério não é automático (manipulável, por exemplo, por uma regra de presença ou ausência de hífen), pois alguns casos como *roupa-velheiro, são-joaneira* não são casos de justaposição, mas de derivações sobre uma base justaposta; (c) composições óbvias (como *bioengenheiro, aeropioneiro*) e prefixações facilmente parafraseáveis (*antibrasileiro, antecordilheira, mas não desempenadeira, despenhadeira*); (d) justaposições por reduplicação (*cheira-cheira*); (e) variantes, ortográficas e regionais da mesma palavra (*samaumeira*, pois já há *sumaumeira*); (f) pseudo-homônimos ou seja, homônimos provenientes de reduções de justaposições (*cortadeira*, como redução de *formiga-cortadeira*).

excluímos essas também, o número baixa para 3642. Dessas, 1495 (41%) não têm qualquer datação. Sobre as demais 2147, a tabela de potencialidade real do sufixo ajusta-se para a seguinte: século IX (2 palavras: potencialidade de 4%), X (13: 7,8%), XI (8: 3,8%), XII (28: 6,3%), XIII (130: 2,6%), XIV (106: 2,6%), XV (118: 2,4%), XVI (232: 2,7%), XVII (143: 2%), XVIII (280: 3,7%), XIX (737: 2%), XX (350: 1,6%)<sup>33</sup>.

Apesar de os dados anteriores ao século XIII serem poucos, o que aumenta a margem de erro, salta aos olhos que a facilidade com se encontram palavras com esse sufixo no latim medieval, haja vista os grandes valores percentuais nos períodos anteriores aos primeiros documentos (VIARO 2003, 2004a). Por outro lado, a partir do *corpus* de textos já mencionado, exatamente 120 palavras com o sufixo *-eiro* (e não com a seqüência sufixiforme *-eiro*) figuram entre as mais freqüentes<sup>34</sup>.

Tampouco o *corpus* de textos exclui problemas como seleção e tratamento de textos, erros de digitação, palavras obsessivamente usadas em alguns textos e totalmente ausente em outras (chama a atenção, por exemplo, palavras como *joaneira*, *soeiro*, *reposteiro*, *outeiro* e *serapilheira* figurarem entre as mais freqüentes). Dessa forma, chega-se à conclusão que os *corpora* são insuficientes: o dicionário apresenta palavras demais e os textos, palavras de menos. A neologia, fonte da produtividade, evidentemente pode ter uma abonação num dicionário, mas arduamente figura em *corpora* de textos, menos ainda numa lista de palavras mais freqüentes, pois neologismos são, por definição, palavras raras.

## 7. Paráfrases do sufixo *-eiro*

Encontrar paráfrases que sirvam como uma definição sucinta do sufixo é um grande desafio. Entra um elemento da intuição que aparentemente é inevitável e as armadilhas da língua atual e usual são grandes. Um outro perigo já citado é a tentativa de uma busca de intersecção de todos os núcleos semânticos ou de abstrações extremamente amplas, gerando

---

<sup>33</sup> Agradecimentos, pela obtenção destes dados quantitativos, a Zwinglio O. Guimarães-Filho e Leandro Mariano, pesquisadores do Instituto de Física da USP e integrantes do Grupo de Morfologia Histórica do Português.

<sup>34</sup> São elas: primeiro (9974 ocorrências), brasileiro (3512), verdadeira (1733), guerreiro (1098), pereira (1763), cavaleiro (961), financeiro (450), conselheiro (1099), oliveira (1243), mineiro (506), ferreira (700), coqueiro (637), fazendeiro (515), passageiro (194), terreiro (464), brincadeira (309), aventureiro (154), noqueira (430), mensageiro (274), fogueira (271), prisioneiro (230), poeira (391), cabeleira (384), cativo (348), grosseiro (210), limoeiro (332), pinheiro (328), cabeceira (325), monteiro (324), banheiro (305), vaqueiro (195), feiticeiro (129), caixeiro (291), cozinheiro (103), cegueira (276), fileiras (275), escudeiro (252), barbeiro (220), figueira (204), laranjeiras (201), pedreira (200), vendeiro (179), candeeiro (175), banqueiro (155), ferreiro (154), asneira (146), roteiro (143), porteiro (142), castanheira (139), jardineiro (122), geladeira (116), violeiro (115), soleira (114), macieira (107), chuveiro (104), costureira (101)

assim construtos demasiadamente artificiais do que venha a ser o significado ou os significados atrelados ao sufixo<sup>35</sup>. Que paráfrase é possível fazer com a base de *chuveiro*? A solução *ad hoc* “objeto que se parece com uma chuva” é artificial e errônea historicamente, pois, como observamos na seção 3.2, o que importa para atingirmos o significado do sufixo quando a palavra ainda era um neologismo é o significado que tinha na época de sua criação. Interpretações posteriores à perda da consciência de sua formação são demasiadamente intuitivas e variáveis, como se mostrou em 1.2. Nossa postura não é de ver cada núcleo semântico (ou acepção) do sufixo como um caso de homofonia. Não são dois sufixos, mas o mesmo sufixo. O fato de serem muito distintos do ponto de vista do significado não justifica dizer que não se trata de um caso de polissemia, que é o que justamente se tenta explicar nesta pesquisa: como significados tão distintos se derivaram um dos outros?<sup>36</sup>

A experiência de trabalhar com dados lingüísticos em listas obtidas por dicionário revela que é extremamente improdutivo tentar abarcar palavras de frequência de uso tão distinta numa seqüência alfabética ou numa seqüência inversa. O dicionário está cheio de palavras estranhas, mal definidas e até mesmo inexistentes<sup>37</sup>. Para criar nossas hipóteses de

---

<sup>35</sup> Assim, Rocha (1998, p.129-130) estabelece a seguinte lista de “sufixos homófonos” do *-eiro*<sup>1</sup>: *eiro*<sup>2</sup> “árvore ou arbusto”, *eiro*<sup>3</sup> “lugar ou recipiente”, *eiro*<sup>4</sup> “coletivo, conjunto”, *eiro*<sup>5</sup> “gentílico”, *eiro*<sup>6</sup> “formador de adjetivos”, *eiro*<sup>7</sup> “objeto”. Além disso, Rocha se contradiz especificamente com relação a *pandeiro*, pois desconsidera totalmente o elemento histórico em suas análises e segundo seus próprios pressupostos, *pandeiro* não é analisável. Essa situação de descrição é bastante típica e semelhante a encontrada em outros autores. Por outro lado, algumas inconsistências são facilmente verificáveis: *eiro*<sup>6</sup> não está na mesma proporção das demais: aponta para um dado de mudança categorial e não para um núcleo semântico. De fato, *brasileiro* pode se encaixar tanto em *eiro*<sup>5</sup> quanto em *eiro*<sup>6</sup>. Já a forma *eiro*<sup>7</sup> parece equivocada, uma vez que os exemplos dados (*pandeiro*, *chuveiro*, *ponteiro*, *chaveiro*, *isqueiro*) são objetos do ponto de vista do significado da palavra como um todo e não do sufixo, como observado na seção 3.1.

<sup>36</sup> Em outros autores, a lista se multiplica: no verbete *-eiro* do dicionário Houaiss há nada menos do que 17 significados, com muitas subdivisões, mas aparentemente é possível muitas reduções: máquinas e aparelhos fazem parte de *eiro*<sup>8</sup>, mas eletrodomésticos de *eiro*<sup>9</sup>, por outro lado, *eiro*<sup>13</sup> reúnem designativos de *habitat* (como *formigueiro*) e local de criação de animais (*coelhoiro*), o que, pragmaticamente, são coisas muito distintas e a reunião se obteve por uma espécie de regra dedutiva. Noutros, a dedução chega a outro extremo: são pouquíssimos núcleos semânticos reconhecíveis. Basílio (2004, p.74-75) fala do *-eiro* designador de árvores como um “agente vegetal” e casos como o de *paliteiro* como “instrumentais locativos”. As paráfrases com base dedutiva não privilegiam a língua como um dado social nem a aquisição de linguagem, mas há de se admitir que revelam alguma intuição diacrônica, pautada na funcionalidade. De fato, ver-se-á que os agentivos e os designadores de árvores têm pontos em comum, mas isso não num nível abstrato *a posteriori*, que só serve ao lingüista e não ao funcionamento da língua, mas sim em derivações aparentadas, advindas de um mesmo núcleo semântico original. Dizer “agente vegetal” é reforçar uma intersecção que impulsiona a metaforização e a produtividade do sufixo, não é a essência dessa acepção.

<sup>37</sup> Isso pode soar absurdo, pois o dicionário muitas vezes é utilizado pelos seus usuários como comprovação definitiva de que uma palavra existe ou não, mas ocorre com alguma frequência. São as chamadas *palavras de papel* do dicionário Houaiss: estranhas palavras que são criadas pela própria tradição lexicográfica e são erros tipográficos ou erros de interpretação de manuscritos e copiados de obra para obra. Por exemplo, *abacatina*, erro tipográfico de *abacatuia* (por causa da inversão dos tipos *ui* em *in*), ou *refualar* (ambos do Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Cândido de Figueiredo) palavra originária de uma falsa leitura de *resvalar* (com *s longo*, parecido com *f* e *u* confundindo-se com *v* em textos antigos), ou ainda o célebre problema da palavra *ledino*,

trabalho, procedeu-se da mesma forma que todos os autores: separaram-se as palavras conhecidas, que foram classificadas em núcleos semânticos. Posteriormente se voltará ao restante do conjunto para checar sua validade. Das 3642 palavras que são inequivocamente formadas com o sufixo *-eiro*, apenas 532 soam conhecidas para o autor desta pesquisa (14,6%). Trata-se, sem dúvida, de um critério assumidamente subjetivo (dessa forma, *araticunzeiro* pode ser familiar a uma pessoa e não ser para outra). Não é possível, novamente, a visão onisciente<sup>38</sup> de modo a definir quais palavras *em média* são conhecidas dos falantes de português. Tentar forjar isso (i.e. imaginar o que os outros não conhecem) também seria subjetivo, mas num exercício dessa ordem, o número poderia cair, digamos, no máximo, para 499. Tomou-se cuidado para não duplicar a palavra, por exemplo, escolhendo *faxineiro* e *faxineira*. É importante frisar neste momento que esses números não têm finalidade estatística, mas servem apenas para conhecer as paráfrases mais comuns.

Assim, em todo o inventário do dicionário Houaiss de palavras conhecidas e derivadas com o sufixo *-eiro*, as paráfrases mais prolíficas a ser criadas, a título de hipóteses de trabalho, seriam:

- (A)  $X]_{eiro} = \text{que é de } X$ . Neste caso, X é um substantivo e o resultado um substantivo ou um adjetivo<sup>39</sup>.
- (B)  $(X) J_{eiro} = \text{pessoa que } V X$ . Nesses casos, X, quando não é base opaca (marcada entre parênteses), é um substantivo e o resultado, um ser humano ou um adjetivo. No lugar de V postula-se um verbo entre “vender”, “trabalhar com”, “consertar”, “cuidar de”, “conduzir”, “entregar”, “fabricar”, “negociar”, “tocar”, “usar” ou o mero “fazer”<sup>40</sup>.

---

resolvido por Carolina Michaelis de Vasconcelos, surgido de um manuscrito em que aparecia *deledino* interpretado como *de ledino*, quando, mais tarde, provou-se que na verdade seria *dele dino*, ou seja “digno dele”.

<sup>38</sup> Cf.3.2 e 5.2

<sup>39</sup> Esse caso já traz sua produtividade desde o latim (por exemplo, *coquinarius* significa “que é da cozinha”) no entanto, aparece nessa lista apenas no século XIII em palavras como: *herdeiro* (do latim *hereditarius*), *guerreiro*, *verdadeiro* (XIII), *costumeiro* (XIV), *passageiro* (via francês), *lisonjeiro*, *costeiro* (XV), *aduaneiro* (XVII), *pesqueiro*, *hospedeiro* (XVIII), *cafeeiro*, *hoteleiro*, *manufatureiro*, *financeiro*, *traíçoeiro*, *almiscareiro*, *rotineiro* (XIX), *usineiro*, *brigadeiro* (XX). Sem datação: *canavieiro*. A palavra *veleiro* (XV) é provavelmente uma substantivização dessa acepção.

<sup>40</sup> Também um dos casos mais antigos, remonta ao latim (latim *caballarius* = aquele que cuida de cavalos), as palavras remontam aos primórdios da documentação portuguesa: *carvoeiro* (IX), *barqueiro* (X), *vaqueiro* (XI), *sapateiro* (XII), *escudeiro*, *mensagemeiro*, *jornaleiro*, *enfermeiro*, *tropeiro*, *pedreiro*, *tesoureiro*, *peixeiro*, *justiceiro*, *companheiro*, *arteiro* (XIII), *feiticeiro*, *ferreiro*, *carpinteiro* (XIV), *tapeceiro*, *torneiro*, *tintureiro*, *costureiro* (XV), *cocheiro*, *marceneiro*, *livreiro*, *confeiteiro*, *casamenteiro*, *porqueiro*, *fiandeira* (XVI), *relojeiro*, *carteiro*, *merendeira*, *passarinheiro*, *bandoleiro*, *milagreiro* (XVII), *violeiro*, *carpideira* (XVIII), *carroceiro*, *jangadeiro*, *curandeiro*, *vidraceiro*, *joalheiro*, *chapeleiro*, *fuzileiro*, *titereiro*, *cabeleireiro*, *toureiro*, *leiteiro* (XIX), *muambeiro*, *bombeiro*, *barbeiro*, *boiadeiro*, *cervejeiro*, *funileiro*, *leiloeiro*, *garimpeiro*, *tropeiro*, *madeireiro*, *bilheteiro*, *carreteiro*, *ferramenteiro*, *perueiro*, *rendeira*, *sinaleiro* (por metáfora aplicada ao semáforo), *faxineiro*, *quituteiro* (XIX), *borracheiro*, *bicheiro*, *doleiro*, *verdureiro*, *charreteiro*, *sorveteiro*, *roqueiro*, *motoqueiro*, *lixeiro*, *pistoleiro*, *macumbeiro*, *seresteiro* (XX). Sem datação: *caminhoneiro*, *piqueteiro*, *marqueteiro*, *buraqueiro*, *catimbozeiro*, *grafiteiro*, *pipoqueiro*, *doceira*. Em *carniceiro*, o sentido mais comum

- (C)  $V]_{eiro} = \text{pessoa que } V$  (com freqüência). Também é possível uma situação de agentivos deverbais intensificados mais tardios: *parideira* (XVIII), *namoradeira* (XIX), *dadeira*, *faladeira* (sem datação). O resultado vale também no caso de animais: *poedeira* (XVIII), *armadeira* (sem datação), plantas: *trepadeira* (XVIII) e *dormideira* (sem datação), e de seres não vivos: *corredeira* (XIX). Apenas a freqüência não é parafraseável em agentivos deverbais não-intensificados como: *lavadeira* (XIX) e *arrumadeira* (XX).
- (D)  $X]_{eiro} = \text{pessoa que (gosta de) } V X$ . A partir do *arteiro* (XII), desenvolveram-se, para um V variável (“fazer”, “ver”, “dar”, “ir em” etc.)<sup>41</sup>.
- (E)  $X]_{eiro} = \text{pessoa que provém de } X$ . Neste caso, X é um lugar e o resultado, um ser humano ou um adjetivo. Provavelmente tem origem agentiva: *mineiro*, *brasileiro*, *campineiro* (XVIII), *pantaneiro* (XX).
- (F)  $X]_{eiro} = \text{árvore que produz } X$ . Necessário é observar que nem sempre os antecedentes são frutos<sup>42</sup>: *loureiro* produz as folhas de louro, *roseira* produz as flores chamadas *rosa*, não é fruto também o antecedente *espinho* de *espinheiro* e também em *pimenteira*, o antecedente *pimenta* apenas é um fruto tecnicamente, pois os falantes não o vêem necessariamente assim.
- (G)  $X]_{eiro} = \text{que é } X$ . Esse curioso caso de redundância apenas estende o significado do antecedente, que pertence normalmente da classe dos adjetivos, de modo a não modificar ou apenas modificar ligeiramente, por metaforização, o seu sentido. São os casos: *certeiro* (XIII), *grosseiro* (XVI), *raseiro* (XIX), *canhoteiro* (XX).
- (H)  $X]_{eiro} = \text{pessoa que } V \text{ em } X$ : Nestes casos, X é sempre um lugar. O V normalmente se entende como “trabalhar”, mas pode simplesmente ser “agir”, como em *guerrilheiro*

---

no português brasileiro não é o de profissão que veio antes (XIII). Também *padeiro* (XIII) necessita de informação diacrônica para justificar a semi-opacidade da base. Em *carpinteiro* (XIV), palavra que remonta ao latim, a opacidade da base é total. Interessantíssimo é o caso de *barateiro* (XVI) que pediria uma parafrase do tipo “pessoa que vende (tudo) X”.

<sup>41</sup>, palavras que tem valor muitas vezes negativo ou tonalidade familiar com uma certa modalização relativa à tendência do agente: *mexeriqueiro* (XV), *noveleiro*, *aventureiro* (XVI), *trapaceiro*, *lambisqueiro*, *embusteiro* (XVII), *galhofeiro*, *bisbilhoteiro*, *caloteiro*, *festeiro* (XVIII), *cachaceiro*, *pagodeiro*, *beijoqueiro*, *arruaceiro*, *politiqueiro*, *ordeiro*, *novidadeiro*, *taberneiro* (XIX), *bagunceiro*, *cambalacheiro*, *biscateiro*, *barraqueiro*, *batuqueiro*, *loroteiro*, *fofoqueiro*, *encrenqueiro*, *maconheiro*, *metaleiro* (XX), *forrozeiro*, *punheteiro*, *mochileiro*, *baderneiro*, *mutreteiro*, *trambiqueiro*, *fuxiqueiro*, *truqueiro* (sem datação).

<sup>42</sup> Também remonta ao latim, de modo que a partir de uma forma \**piraria* = árvore de pêras remonta-se a muitas línguas românicas (cf. REW 6524: engadino *pairer*, friulano *perar*, francês *poirier*, provençal *perier*, catalão *perera*). De fato, no corpus, *pereira* é mais antigo (IX), seguido de *castanheiro*, *loureiro*, *figueira*, *nogueira* (X), *pinheiro*, *espinheiro*, *pimenteira* (XI), *macieira*, *avelaneira*, *laranjeira* (XIII), *oliveira*, *ameixeira* (XIV), *pessegueiro*, *amoreira*, *roseira* (XV), *marmeleiro*, *cajueiro*, *mangabeira*, *cerejeira*, *limeira*, *bananeira*, *mangueira*, *jaqueira* (XVI), *limoeiro*, *jenipapeiro*, *coqueiro*, *goiabeira*, *tamareira*, *aboboreira*, *pitangueira* (XVII), *algodoeiro*, *mamoeiro*, *sabugueiro*, *ingazeiro*, *jabuticabeira* (XVIII), *tamarindeiro*, *abacateiro*, *tomateiro*, *cafezeiro*, *paineira*, *romãzeira* (XIX), *caquizeiro* (XX). Sem datas: *juazeiro*, *chuchuzeiro*, *castanheira*, *caramboleira*.

(XIX), “viver”, como em *roceiro* (XVI), sem datações: *corticeiro*, *maloqueiro*. Esse sentido aparece sob a forma mais antiga, nessa lista, em *fazendeiro* (XII). Tem também os sentido relacional e agentivo, mas é possível interpretá-lo não só como “que é da fazenda” ou “que lida com fazenda”, mas “que trabalha na fazenda” ou “que tem a posse de fazenda”, sentidos aparentemente derivados. Origina-se, pelo visto, do sentido relacional e agentivo: o latim *portarius* transformou-se em *porteiro*; *operarius*, em *obreiro* (datadas em português no século XIII)<sup>43</sup>.

- (I)  $X]_{eiro} = \text{pessoa que possui } X$ : Os casos de *fazendeiro*, *granjeiro*, *banqueiro*, *quitandeiro* aparentemente seguiram o mesmo rumo, transformando-se em possessivos. Um caso interessante é o de *hospitaleiro* (XIII), que seria o dono de um *hospital*, no sentido antigo de “casa de hóspedes” (cf. catalão *hostal*, francês *hôtel*) e que derivou o sentido usual de hoje em dia<sup>44</sup>.
- (J)  $X]_{eiro} = \text{que está em } X$ : Faz parte desse tipo *traseira*, *dianteiro* (XIII), *rabeira* (XVII). Para pessoas: *prisioneiro* (XIV, decalcando francês), para objetos: *cueiro* (XV), *pulseira* (XVII) e *cabeceira* (sem datação)<sup>45</sup>.
- (K)  $X]_{eiro} = \text{objeto em que se } V X$ : Derivado do *-eiro relacional* e do *-eiro agentivo*, aparece em *baleeiro* (XIII) “que é de baleia”, com restrição para “navio em que se pesca baleias”<sup>46</sup>.
- (L)  $V]_{eiro} = \text{objeto em que se } V$ : As formas deverbais da lista são todas femininas e tendem desde muito cedo a um molde fônico em *-deira*: *engomadeira* (XVIII), *namoradeira*, *escarradeira*, *espreguiçadeira*, *chocadeira* (XIX), *penteadeira*, *geladeira* (XX), *incubadeira* (sem datação). Um caso um pouco distinto é *atoleiro* (XV).
- (M)  $X]_{eiro} = \text{objeto em que há } X$ : Alguns exemplos: *cancioneiro* (XV), *fogareiro*, *braseiro* (XVI), *romanceiro* (XIX, via espanhol). Sem datação: *chaveiro*. Como resultado adjetivo surge *bosteiro* (XX).
- (N)  $X]_{eiro} = \text{lugar em que se } V X$ : Os casos mais representativos são os do tipo “em que se

<sup>43</sup> Outros casos: *marinheiro*, *caseiro*, *granjeiro* (XIII), *cozinheiro* (desde o latim), *chaveiro*, *carcereiro* (XIV, do latim medieval), *camareira* (XV), *mineiro*, *banqueiro* (XVI), *jardineiro* (XVII), *quitandeiro*, *açougueiro* (XIX), *cabineiro*, *goleiro* (XX).

<sup>44</sup> Talvez daqui saia o caso de *colhereiro* (XVIII) e uma paráfrase do tipo “que tem X” justificaria o nome da ave cujo bico se parece com uma colher.

<sup>45</sup> Talvez as doenças denominadas *unheiro* (XVIII), *boqueira* (XIX) estejam relacionadas como essa acepção.

<sup>46</sup> Além de “pescar”, outros V são: “fazer”: *cuscuzeira* (XVI), *churrasqueira*, *coqueteleira* (XX); “ferver”: *chocolateira*, *cafeteira* (XVIII), *leiteira* (XIX), *chaleira* (XX); “tomar” *banheira* (XIX); “transportar”: *petroleiro*, *negreiro* (XIX) ou “guardar”: *açucareiro* (XVI), *fruteira* (XVII), *saleiro*, *alfineteiro*, *paliteiro*, *cinzeiro*, *cartucheira*, *cristaleira*, *confeiteira*, *carteira* (XVIII), *camiseiro*, *saladeira*, *farinheira*, *papeleira*, *cigarreira*, *alfineteira*, *saboneteira*, *sorveteira*, *compoteira*, *charuteira*, *manteigueira* (XIX), *lixeira* (XX), *lancheira*, *iogurteira*, *sapateira* (sem datação).

*guarda (X)*”: *galinheiro* (XV), *chiqueiro* (XVI, com base opaca), *mangueira* (XX, do espanhol, com base opaca).

- (O)  $X]_{eiro}$  = objeto com que se *V* X: Derivado do *-eiro* relacional e do *-eiro* agentivo, aparece em com *V* interpretado como “proteger”: *joelheira* (XIII, “objeto com que se protege o joelho”), *focinheira* (XVII), *tornozeleira*, *munhequeira* (XX), *caneleira*, *cotoveleira* (sem datação) ou “lançar”: *bombardeiro* (XV) ou “captura”: *ratoeira* (XVII) ou “retirar”: *escumadeira* (XVI). Curioso é o caso de *mosquiteiro* (XVIII) cuja paráfrase é um *objeto com que se V de X*. Também pode haver um deslocamento do resultado para seres animados e o verbo “caçar”: *perdigueiro* (“cão com que se caçam perdizes”).
- (P)  $V]_{eiro}$  = objeto com que se *V*: As formas deverbais da lista são todas femininas e tendem desde muito cedo a um molde fônico em *-deira*<sup>47</sup>.
- (Q)  $X]_{eiro}$  = lugar em que há muito *X*: Entre os mais antigos: *pedreira* (XIII), *formigueiro*, *vespeiro* (XVI), *bicheira* (XVIII). Outros exemplos sem datação: *cupinzeiro*, *pulgueiro* e *puteiro*.
- (R)  $X]_{eiro}$  = lugar em que há *X*: Exemplos: *letreiro* (XIV) e *oveira* (sem datação).
- (S)  $X]_{eiro}$  = muito *X*: Exemplos: *cabeleira* (XV), *barreira* (XVI), *sangueira* (XVIII), *poeira*, *catarreira*, *buraqueira*, *barulheira*, *chiadeira* (XIX), *desgraceira*, *sujeira*, *biboqueira* (XX)<sup>48</sup>.
- (T)  $X]_{eiro}$  = pessoa que tem muito *X*: Exemplos: *interesseiro* (XVI), *peidorreiro* (XVIII), *fricoteiro* (XX). Também *perdigoteiro* (sem datação).
- (U)  $X]_{eiro}$  = *X* intenso: Os melhores exemplos são: *nevoeiro* (XIII?), com mais certeza século XV), *aguaceiro* (XVI), *fumaceira*, *preguiceira* (XIX). Desde muito cedo, alguns moldes fônicos em *-ceiro/a*, *-alheira* começam a surgir.
- (V)  $V]_{eiro}$  = estado em que algo se *V* intensamente: Melhores exemplos: *quebradeira* (XIX). Sem base participial se encontram: *roubalheira*, *berreiro* (XIX) que permitem interpretação como *intensidade*<sup>1</sup> ou como *intensidade*<sup>2</sup> (de roubo ou de roubar, de berro ou de berrar).

<sup>47</sup> : *batedeira*, *frigideira* (XIV), *nadadeira*, *mamadeira*, *enceradeira*, *atiradeira*, *britadeira* (XX). Sem datações são: *desempenadeira*, *torradeira*, *furadeira*, *assadeira* e *tostadeira*. Uma pequena mudança de sentido pode se ver em *nadadeira* que tem como resultado não só um objeto mas uma parte do corpo. Também uma *brincadeira* (XIX) é um ato e não um objeto. Observe que o caso de *pesqueiro*, já mencionado como relacional pressupõe em sua base ou um nome *pesca* ou um verbo *pescar* (não-participio) como antecedente, da mesma forma que *chuteira* (XX) pode vir de *chute* ou de *chutar* não-participial.

<sup>48</sup> Aqui talvez entre *nojeira* (sem datação). A palavra *sujeira* é deadjetival (paráfrase mais adequada: “algo muito X”). *Trabalheira* não tem datação mas devem ser posteriores ao século XVI. *Babeira* no sentido de “muita baba” não está dicionarizada, nem datada. Esse núcleo semântico costuma apresentar conotação pejorativa. Outras palavras sem datação: *bobageira*, *ciumeira*, *piolheira*, *desgrameira*, *sovaqueira*.

- (W)  $V]_{eiro}$  = estado em que uma pessoa  $V$  intensamente: Melhores exemplos: *bebedeira* (XIX), *tremedeira* (XX). Sem datação: *suadeira*, *gemedeira*,
- (X)  $X]_{eiro}$  = estado em que uma pessoa é  $X$ : Melhores exemplos: *cegueira* (XV), *gagueira* (XVIII).
- (Y)  $X]_{eiro}$  = ato típico de  $X$ : Exemplos: *ladroeira* (XVI), *asneira*, *tonteira* (XVIII), *besteira* (XX), *bobeira*, *doideira* (sem datação).

## 8. Genealogia do sufixo –eiro

Para se estabelecer uma genealogia dos significados de *-eiro*, provenientes dos núcleos semânticos elencados acima é preciso observar que, ao fim e ao cabo, uma palavra do tipo  $X]_{eiro}$  pode ser um adjetivo ou um substantivo designador de uma pessoa, um animal, uma planta, um objeto, um lugar, uma coleção, um estado ou um ato. A base também está associada ao significado do resultado por um antecedente modificado de forma existencial, locativa, intensiva ou circunstancial (relativa, proveniência). A base pode também remeter a um antecedente que implique ações. Abstrair todos esses detalhes é impossível.

Com base nesses dados é possível imaginar o seguinte esquema de derivações dos núcleos semânticos (indicado pelo símbolo >>), coerente com a datação:

SIGNIFICADO PRINCIPAL: (A);

DERIVAÇÃO DE SEGUNDO GRAU: (A) >> (B)/(H), (F), (G);

DERIVAÇÃO DE TERCEIRO GRAU (B/H) >> (O), (J), (D), (E), (I)/(T);

DERIVAÇÕES DE QUARTO GRAU (O) >> (P), (K), (Q)/(R), (M);

(D) >> (C);

DERIVAÇÕES DE QUINTO GRAU (K) >> (L);

(Q)/(R) >> (S), (N);

DERIVAÇÃO DE SEXTO GRAU (S) >> (Y), (U), (X);

DERIVAÇÃO DE SÉTIMO GRAU (U) >> (V), (W).

No entanto, século a século, podemos flagrar o que pode ter acontecido com o significado do sufixo:

(1) ANTES DO SÉCULO XIII: As escassas informações acerca do sufixo *-eiro* mostram que ele possuía inicialmente os núcleos semânticos *b*, *f*, *h*. O núcleo *d* não é muito

evidente. Pelo latim *-arius*, sabe-se que *a* também estava presente nessa época. O sufixo, então, nesse período apenas designava adjetivos, nomes de árvores e profissões. São desse período também palavras como *fevereiro*, *salgueiro* (X), *celeiro* (XI), *pardieiro*, *cabreiro* e *barreira* (XII) de raízes opacas.

(2) SÉCULO XIII: Neste século, acrescentam-se os núcleos semânticos *g*, *j*, *o* e *q*, muitos talvez presentes no período anterior, sobretudo o uso redundante. Aparecem então adjetivos locativos, indicações de objetos com que se faz algo e lugares em que há abundância de algo. Aparecem documentadas várias palavras problemáticas (muitas herdadas do latim) como: *primeiro*, *terceiro*, *cordeiro*, *ligeiro*, *dinheiro*, *poleiro*, *janeiro*, *padroeiro*, *matreiro*, *solteiro*, *caldeira*, *palmeira*, *maneira*, *peneira*, *fogueira* e *caveira*.

(3) SÉCULO XIV: Neste século, dá início à produção dos núcleos semânticos *p*, *r* e *a* julgar pelos dados anteriores, generalizam-se ainda mais os lugares em que há algo e os objetos com que se faz algo. Aparecem nos documentos formas como: *estalajadeiro*, *candeeiro*, *estrangeiro*, *estaleiro*, *moleiro*, *cativeiro*, *estribeira*, *bandeira*, *esterqueira*.

(4) SÉCULO XV: Neste século, começam grandes inovações: surge a forma modalizada do agentivo (*d*) e reforçam-se os locativos (*m*, *n*), destaca-se a questão da intensidade (*s*, *u*) e aparecem palavras marcando estado (*x*). São casos de estudo as seguintes palavras que surgem nesse século: *ribeiro*, *faceiro*, *canteiro*, *ladeira*, *rameira*, *alcoviteira*.

(5) SÉCULOS XVI e XVII: As grandes novidades do séc. XVI são as palavras que denotam pessoas que têm muito algo e os atos típicos, além de objetos em que se faz algo (respectivamente *t*, *y* e *k*). No século XVI ocorrem palavras como: *despenhadeiro*, *ribanceira*, *coceira*, *fileira*, *coleira*, *caganeira*, *cachoeira*, *toupeira*, *cantareira*, *parreira*, *canseira*, *tranqueira*, *engenheiro*, *tabuleiro*, *terreiro*, *sorrateiro*, *ponteiro*, *escoteiro*, *morteiro*, *rasteiro*, *forasteiro*, *corriqueiro*. No século XVII: *carabineiro*, *gazeteiro*, *roteiro*, *viveiro*, *cordilheira*, *frieira*, *torneira*, *lareira*, *carreira* e *viseira*, todas palavras que orbitam em torno dos núcleos semânticos definidos e que apresentam dificuldades de análise ou potencialidades abortadas.

(6) SÉCULO XVIII: Aparecem nesse século os gentílicos (*e*) e as pessoas que costumam fazer algo com freqüência (*c*). Também se generalizam os objetos em que se faz algo (I). São palavras importantes para análise do século: *desfiladeiro*, *cavaleiro*, *carneiro*, *vinhateiro*, *fogueteiro*, *cruzeiro*, *bagaceira*, *varejeira*, *prateleira*.

(7) SÉCULO XIX: A grande novidade desse século são os estados em que algo ou alguém faz algo intensamente (*v*, *w*). Precisam de análise mais amudada palavras como: *cangaceiro*, *farofeiro*, *banheiro*, *paneleiro*, *faroleiro*, *pioneiro*, *travesseiro*, *regateiro*,

*zombeteiro, domingueiro, seringueiro, isqueiro, ribeira, bandalheira, borralheira, geleira, soleira, quaresmeira, clareira, lapiseira, baboseira, mangueira, seringueira, biqueira.*

(8) SÉCULO XX: Não há nenhum novo núcleo semântico determinado por *-eiro*, embora não faltem palavras complexas nesse período: *ficheiro, rancheiro, motorneiro, eleitoreiro, bueiro, pistoleira, jardineira, montoeira, mangueira, zonzeira.*

Mais complexos são termos sem datação alguma e com dificuldades na estrutura: *cavalheiro, cobreiro, saideira, caranguejeira, madeireira, leseira, empreiteira, espiriteira, rasteira, lambuzeira.*

## 9. Conclusões

Os resultados desta pesquisa apontam para dados inéditos e de grande valor para os estudos morfológicos. Normalmente o capítulo das derivações sufixais é tratado *en passant* com grande dose de impressionismo. A partir dos pressupostos apresentados na introdução e dentro dos limites de tempo e material empregado, foi possível o estudo, com grande exatidão, de praticamente todos os sentidos da língua portuguesa atual e usual falada no Brasil. No entanto, para verificar os liames, numa descrição exaustiva, que fundamentariam as derivações, apresentadas aqui a título de hipóteses, é necessário muito mais. Cruzar esses dados com os de outros sufixos é o próximo passo e para isso, há toda uma equipe no grupo de Morfologia Histórica. Acertar lentamente, por meio de *corpora*, os dados oferecidos pelos dicionários etimológicos é outro. No esquema geral da árvore genealógica dos núcleos semânticos estamos longe de afirmar que sua interrelação seja monocausal, mas somente o estudo dos elementos não facilmente parafraseáveis, bem como de outros elementos da língua não-usual e não-atual poderiam explicitar quão extensa é a zona em que orbitam os elementos não-prototípicos que não se fundamentam as paráfrases dos núcleos semânticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1988.

BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004.

BLOOMFIELD, L. **Language**. London: George Allen & Unwin, 1958.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. (Org.) **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MALKIEL, Y. Generic analyses of word formation. In: SEBEOK, T. A. (Ed.) **Current trends in Linguistics**. Paris: Mouton, 1970.

OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. **O significado de significado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

REY-DEBOVE, J.; REY, A. (Ed.). **Le nouveau petit Robert**. Paris: Le Robert, 1993.

RIO-TORTO, G. M. **Morfologia derivacional**: teoria e aplicação ao português. Porto: Porto Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Verbos e nomes em português**. Lisboa: Almedina, 2004.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

TESNIÈRE, L. **Éléments de syntaxe structurale**. Paris: Klincksieck, 1959.

VIARO, M. E. Relação entre produtividade e frequência na produção do significado. **Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 34, p.1230-1235, 2005a.

\_\_\_\_\_. Os sufixos portugueses numa visão diacrônica . In: Seminário do Cellip. XVI. 2005, **Caderno de resumos?**, Londrina: Universidade Estadual de Londrina: Cellip: Fundação Araucária, 2005b. 01 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Sufixação nas Cantigas de Santa Maria . In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 9., 2004, São Paulo. **Anais ....** São Paulo: IP-PUC-SP, 2004a. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **Por trás das palavras**: manual de etimologia do português. São Paulo: Globo, 2004b.

\_\_\_\_\_. Para um estudo de semântica sincrônica dos sufixos derivacionais em português do séc. XIII. **Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo.**, Taubaté: Unitau, 2003. 01 CD-ROM.

VILLALVA, A. **Estruturas morfológicas do português**: unidades e hierarquias nas palavras do português. Lisboa: Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000.

WIERZBICKA, A. **Semantics**: primes and universals. Oxford: Oxford University Press, 1996.